

A candidatura que nasceu de um mercadinho

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Correntes de ouro no pescoço, chapéu de couro na cabeça, cinto e bota de vaqueiro. O dono desse visual nunca frequentou a escola, gosta de distribuir dinheiro pela rua, emprestou seu nome para um candidato a deputado distrital em 94 e pode garantir o lado folclórico da campanha ao governo do Distrito Federal.

Uma coligação formada por sete partidos pequenos — PSC, PL, PRN, PSD, PGT, PSL, PRP — quer fazer do fazendeiro e empresário José Fusal de Sizio, 56 anos, mais conhecido como Tatico, o novo governador do DF. “Ele tem carisma e será o nosso candidato”, garantiu Itiberê Zem, presidente do PSC, partido que recebeu ontem à noite a filiação do empresário. Itiberê só não disse quando será o lançamento oficial da candidatura.

“Só serei candidato se o povo da Ceilândia quiser”, disfarça Tatico, 56 anos, oito filhos, vinte netos. O empresário esclarece que nunca foi político, apesar do nome dele ter figurado nas cédulas eleitorais em 94. “O

Daniel Castro, que foi candidato a deputado distrital, pediu meu nome emprestado e eu deixei ele usar, mas eu nunca fui político”, explica, com naturalidade.

O candidato Daniel Castro perdeu. Amargou três mil votos. Mas Tatico não se culpa. “Ele era muito fraco. Eu mesmo só decidi votar nele nos últimos vinte dias”, contou. “Esse nome dá sorte. Se prego um adesivo no carro com o nome, ele não bate é nunca”, brinca, com um jeito meio mineiro meio goiano de ser.

O apelido foi herança do sogro, já falecido. Há dez anos, batizou o mercadinho com o pseudônimo. Hoje, o Tatico é um supermercado na Ceilândia Centro, por onde passam cinco mil pessoas por dia. Mineiro de Teixeira, não gosta de falar da vida pessoal e do seu patrimônio. “Não costumo contar o que já ganhei. Penso em ganhar mais”, costuma dizer. Mas, aos poucos, ele confessa que o mercadinho lhe rendeu várias fazendas em Goiás e Mato Grosso, um frigorífico em Goiás, sua casa em Taguatinga, dois aviões e outras coisinhas que ele prefere manter em sigilo.

“Rico? Não vou ser enquanto continuar nascendo neto — já tenho vinte. Trabalho das 5h às 22h e não posso parar”, disse, em um dos raros momentos em que está parado. Tatico não tem escritório, agenda ou secretária. Durante a manhã, fica andando pelo supermercado. É comum vê-lo tirando do bolso um bolo de notas de R\$ 10 para atender a pedidos. É também comum reunir até 10 mil pessoas durante as festas em suas fazendas.

“É normal isso. Ele ajuda todo mundo. Já me deu dinheiro muitas vezes. Votaria nele na hora para governador”, disse o eletricitista Judivan Joaquim da Silva, morador da Ceilândia. Judivan faz parte do universo de eleitores que os partidos pequenos esperam arrebanhar.

Nas últimas eleições, a coligação conseguiu 60 mil votos somando todas as candidaturas. Na época, o candidato era o coronel João Ferreira. “Esperamos com Tatico garantir três vezes mais”, aposta Itiberê. “Ou até mais. Acho que ele leva a maioria dos 600 mil votos de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia”, arrisca.

Amigo pessoal de Tatico, o comer-

ciante Álvaro Iacchino também acredita que ele tem chances. “Em 93, entidades da Ceilândia fizeram uma espécie de plebiscito e o resultado foi que mais de 70% dos votos para governador foram para Tatico”, lembra. Nessa época, o empresário chegou a sair em carreta. Durante a manifestação, um caminhão com fogos de artifício acabou explodindo, o que lhe rendeu um sobrenome ao apelido: Tatico Foguete.

Apesar de garantir que só será candidato para “o bem de Ceilândia”, cidade pela qual tem adoração, Tatico tem um discurso pronto: “Tem que acabar com as mordomias. Pra que aquele tanto de empregado na casa do governador? Pra que ficar tranca-do em gabinete? Tem vergonha pior do que inaugurar o metrô três vezes e ele não funcionar nunca?”, cobra.

Para ser um representante da “sua cidade” (Ceilândia), Tatico está disposto até a enfrentar o ex-governador Joaquim Roriz, um dos prováveis candidatos ao Buíti. “Eu tenho um grande apreço por Tatico, ele é meu amigo e reconheço o seu potencial político”, respondeu Roriz.